

TRADUZIR UM MITO: a comunidade da Ilha dos Lençóis e o sebastianismo maranhense ¹

TO TRANSLATE A MYTH: Ilha dos Lençóis' community and Sebastianism in Maranhão

Camila Chaves Ferreira ²

Gabriela Frota Reinaldo ³

Resumo: Diz o mito que o corpo de rei Sebastião, desaparecido na Batalha de Alcácer Quibir, norte da África, em 1578, jamais fora encontrado. Um dos mitos político-religiosos mais duradouros do mundo lusófono, o sebastianismo encontra, na cultura maranhense, uma forma singular de reinscrição: a Encantaria. Na Ilha dos Lençóis, o rei não está nem vivo nem morto: ele aparece encantado na forma de um touro. Em diálogo com os estudos da semiótica da cultura e da noção de tradução intercultural, de Iuri Lotman, este trabalho objetiva refletir como se dá o processo de tradução da narrativa mítica por essa comunidade que dela se apropria e por meio dela se vincula. Aqui, são apresentadas considerações nascidas da observação participante da cultura local e identificadas singularidades do sebastianismo maranhense. Por fim, a lenda do Touro Encantado, a religião afro-brasileira Tambor de Mina e a festa do Bumba Meu Boi são apresentados como tradução, formas populares de fazer permanecer vivo o mito.

Palavras-Chave: Encantaria. Tradução intercultural. Semiótica da cultura. Sebastianismo.

Abstract: The myth tells that the body of King Sebastian, who disappeared at the Battle of Alcácer Quibir, in 1578, was never found. One of the most enduring myths in the Lusophone world, Sebastianism finds, within the culture of Maranhão, a singular form of reinscription: the Encantaria. On Ilha dos Lençóis, the king is neither alive nor dead: he appears enchanted in the form of a bull. In dialogue with studies in the semiotics of culture and the notion of intercultural translation developed by Lotman, this paper aims to reflect on how the process of translating the myth takes place in this community, which appropriates it and, through it, establishes bonds of belonging. Here, considerations about the local culture are presented, and singular features of Maranhão's Sebastianism are identified. Finally, the legend of the Enchanted Bull, the Afro-Brazilian religion Tambor de Mina, and the Bumba Meu Boi festivity are presented as translations, popular ways of keeping the myth alive.

Keywords: Encantaria. Intercultural translation. Semiotics of culture. Sebastianism.

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

2 Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCom-UFC), mestre em Comunicação pela mesma universidade, camila.chaves@yahoo.com.br.

3 Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCom-UFC), doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), gabriela.reinaldo@gmail.com.

1. Sebastião

Hoje menos, antes mais, mas o que ainda contam os moradores da Ilha dos Lençóis⁴, comunidade localizada no litoral oeste do Maranhão, é que rei dom Sebastião segue sendo visto em suas andanças pelas dunas de areias maranhenses. Para além do anacronismo do que seria pensar, nestes dias, a presença de um monarca em terras tropicais, os relatos que dão conta de suas aparições não despertariam tanta curiosidade, não fosse um aparente detalhe: dom Sebastião, rei português, teria desaparecido na batalha de Alcácer Quibir, no norte da África, no dia 4 de agosto de 1578.

Do ponto de vista de um corpo, Sebastião, no dizer dos ilhéus, não está nem vivo, nem morto, mas encantado. No sincretismo dos cultos, a encantaria é entendida como forma de manifestação espiritual e religiosa. Conforme veremos neste trabalho, o sebastianismo – um dos mitos político-religiosos mais duradouros do mundo lusófono –, em sua disseminação no Brasil, em especial no nordeste do País, assumiu, sobretudo, formas como a messiânica e a política. No contexto maranhense, entretanto, o mito do “rei encoberto” se apresenta sob a égide da encantaria, se reinscreve de outro modo, inesperado, reafirmando a capacidade da cultura e dos mitos de se transformarem, de se atualizarem de acordo com os contextos em que se inscrevem, para garantir sua sobrevivência e refundar uma memória que não é estática, mas plástica, e, nesse caso, profundamente oral, imagética e somática.

De caráter interdisciplinar, este trabalho, que é um fragmento de uma pesquisa de maior fôlego, em curso no doutorado, centra-se nas contribuições apresentadas pelo semiótico Iuri Lotman, que compreende a tradução como mecanismo que assegura a sobrevivência de uma memória cultural, que só resiste porque se adapta, se transforma. De acordo com a semiótica da cultura, só o que é traduzido entra no patrimônio da memória, uma vez que a retirada de textos da memória coletiva só acontece em paralelo com a produção de novos textos culturais. Do ponto de vista do método empregado no curso desse estudo, as reflexões têm como ponto de partida as experiências de uma vida no seio da cultura maranhense e, mais especificamente, as reflexões decorrentes da observação participante, feita em dois períodos de vivência junto à

⁴ A Ilha dos Lençóis pertence ao arquipélago de Maiaú, no município de Cururupu, litoral oeste do Maranhão. Não confundir com o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, localizado no litoral leste, região do Baixo Parnaíba.

comunidade da Ilha dos Lençóis, o primeiro de 19 a 23 de dezembro de 2018, e o mais recente, de 17 a 21 de janeiro de 2024 (FIG 1)⁵.



FIGURA 1 – Casas na comunidade da Ilha dos Lençóis.⁶
FONTE – Autora.

Este trabalho, por sua vez, encontra-se dividido em três partes: a primeira é dedicada a pensar o tema do sebastianismo, aqui compreendido como narrativa mítica e ideológica propagada por Portugal no contexto de colonização; a segunda é voltada às especificidades do sebastianismo maranhense e algumas de suas formas de manifestação, como a lenda do Touro Encantado, a religião afro-brasileira Tambor de Mina e a festa do Bumba-Meu-Boi; tais fenômenos são retomados na terceira parte, à luz do pensamento lotmaniano, como forma de “tradução da tradição”, como modo em que o novo sistema de cultura produzido não destrói ou destitui os anteriores, mas os ressignifica.

⁵ Como recurso voltado à acessibilidade relativa à visão, as imagens apresentadas neste trabalho estão também descritas em notas de rodapé.

⁶ [Descrição das imagens] A imagem da direita mostra a lateral de uma casa feita de madeira. À sua frente, uma árvore com flores cor de rosa e à sombra da qual está um banco. O chão da rua é todo areia branca. A imagem da esquerda mostra um chão de areia branca coberto de capim curto sobre o qual caminha um cachorro caramelo à luz do Sol. Ao fundo, casas de porta, janela e baixos cercados de madeira [Fim da descrição].

2. Sebastianismo

Como narrativa ideológica, o sebastianismo, talvez, seja ainda anterior ao desaparecimento de rei Sebastião. No contexto de luta da coroa portuguesa para manutenção de sua independência frente ao reino de Castela, de acordo com Marcio Honório de Godoy (2009), no artigo *O Desejado e o Encoberto: potências de movimento de um mito andarilho*, a persona de dom Sebastião começou a ser esboçada antes mesmo de seu nascimento. Produto do casamento às pressas entre o infante dom João Manuel – à época, com catorze anos de idade – e dona Joana da Áustria, dom Sebastião nasceu em 20 de janeiro de 1554, dia do santo que deu nome ao filho desejado pela coroa e pelos populares.

Dom Sebastião foi coroado rei aos três anos de idade, teve formação voltada à construção de um monarca guerreiro e conquistador. Aos 24 anos, ao entrar em campo com 17 mil homens contra os mouros, na Batalha de Alcácer Quibir, no Marrocos, teria se colocado na vanguarda, à frente de uma cavalaria, que recuou, ao passo que ele avançou, se embrenhado no exército inimigo, pelo menos duas vezes superior em número, até não ser mais visto. “Morrer, mas morrer devagar!” ficaria marcado na memória nacional portuguesa como tendo sido seu último grito, exclamação de um corpo jamais encontrado.

Ou sim: encontrado morto e sepultado, conforme defende André Belo (2023), no livro *Morte e ficção do rei dom Sebastião*, em uma polêmica que divide também historiadores. Para o autor, existe uma hesitação historiográfica frente à afirmação da morte de dom Sebastião e ao reconhecimento formal do seu cadáver, identificado por um criado e por diversos membros da nobreza portuguesa. Notícias da batalha, correspondências políticas e comerciais, coroação do cardeal dom Henrique como novo rei, sermões em memória, procissões de penitência e outras cerimônias públicas não teriam sido suficientes contra o clima de incerteza.

Com a derrota no norte da África, o desaparecimento de dom Sebastião e o breve e tumultuado reinado do cardeal dom Henrique, Portugal passou ao domínio da Espanha, de Felipe II. Em oposição, de acordo com Pedro Braga (2001), no livro *O Touro Encantando da Ilha de Lençóis: o sebastianismo no Maranhão*, o sebastianismo enquanto movimento ganhou amplitude em duas vertentes: uma de classes dominantes e outra de caráter popular. Desse modo, em torno da narrativa mítica do sebastianismo estavam reunidas as elites nacionalistas portuguesas, em busca de sua autonomia perdida, e as classes populares, em luta contra seu esmagamento.

Segundo o autor, no contexto expansionista, a experiência brasileira ocupou papel importante para o sebastianismo, tendo sido Padre Antônio Vieira o principal arauto e difusor de suas ideias. O sebastianismo está presente na tradição cultural popular brasileira e pode se apresentar de modos distintos em cada localidade. Na perspectiva messiânica, acredita-se no retorno de dom Sebastião como salvador; na política, aposta-se no surgimento de um líder carismático e visionário, à sua semelhança; e na cultural e artística, manifesta-se o mito por meio da literatura, música, artes visuais e outras formas de expressão culturais.

Em especial no nordeste brasileiro, essa narrativa influenciou movimentos, como o de Canudos, na Bahia; e as tragédias de Sítio da Pedra e de Pedra Bonita, em Pernambuco. Em Sítio da Pedra, em 1820, um arraial de liderança sebastianista foi destruído, pelo governo do estado, num massacre que deixou mortas 91 pessoas e feridas mais de cem. Em Pedra Bonita, em 1838, pregava-se que o retorno de dom Sebastião se daria mediante um banho de sangue, que ocorreu, vitimando 87 pessoas. Esse massacre foi matéria para as produções literárias de José Lins do Rego (2022), em *Pedra Bonita*, e de Ariano Suassuna (2017), em *Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*.

No Maranhão, mais especificamente na Ilha dos Lençóis, o sebastianismo apresenta-se numa nova vertente, a da encantaria, e é traduzido semioticamente como lenda do Touro Encantado. Nos relatos de mulheres, homens e crianças da comunidade, após desaparecer na batalha ao norte da África, dom Sebastião reaparece em terras maranhenses, encantado na figura de um touro negro que caminha sob a luz da lua e sobre as dunas de areia. Forte e furioso, esse touro leva na testa uma estrela brilhante que, se acertada, põe fim à encantaria, libertando o rei, afundando a capital São Luís, também ilha, e fazendo emergir, das profundezas do mar, as riquezas do seu reino.

Na cultura maranhense, há traços do sebastianismo numa série de manifestações. Num dos cantos da tradição popular, que pode ser ouvido na cena de abertura do curta-metragem intitulado *A Lenda do Rei Sebastião* (1979)⁷, de Roberto Machado Júnior, nos deparamos com a letra que convoca o rei, situa a Ilha dos Lençóis e apresenta a síntese do que seria o desencanto ou a quebra da encantaria: “Rei, ê Rei / Rei Sebastião, / Rei, ê Rei / Rei Sebastião, / Quem desencantar Lençóis / Vai abaixo o Maranhão / Quem desencantar Lençóis / Vai abaixo o Maranhão.” (Aiupa Brasil Produções, 2020).

⁷ O canto popular maranhense, apresentado na cena de abertura do curta *A Lenda do Rei Sebastião* (1979), de Roberto Machado Junior, pode ser ouvido em: <https://youtu.be/KI4QtGueIS8>

3. Encantaria, sebastianismo maranhense

A Ilha dos Lençóis está localizada no litoral oeste do Maranhão, no arquipélago de Maiaú, e está vinculada ao município de Cururupu. O acesso, a partir da capital São Luís, inclui trajeto marítimo e terrestre ao longo de 234 km até o município de Apicum-Açu, de onde se parte por cerca de 30 km na travessia por embarcação (FIG 2). Na década de 1970, sua comunidade ganhou notoriedade internacional, após exibição de programa televisivo que apontava o local como tendo a maior concentração de pessoas albinas do planeta⁸. Sua população atual é de aproximadamente quinhentas pessoas que vivem de atividades tradicionais, como a pesca, e se autodenominam filhas de rei Sebastião.



FIGURA 2 – À esquerda: Barcos que fazem a travessia até a ilha; à direita: Barracão na Ilha dos Lençóis.⁹
 FONTE – Autora.

⁸ Em 1972, a Organização Mundial da Saúde (OMS) patrocinou uma expedição composta por uma junta de médicos que constatou a presença de quase 3% de albinismo na comunidade, índice considerado alto se comparado à frequência de referência que é de 0,0005% numa dada população.

⁹ [Descrição das imagens] Na primeira imagem, à esquerda, dois barcos aguardam sobre a água da maré. No primeiro plano, a embarcação, pintada nas cores branco e azul, carrega um emaranhado de redes de pesca. Depois, a segunda embarcação, pintada nas cores verde, vermelho e branco, carrega a inscrição “Meu Sonho”. Por fim, ao fundo, a paisagem verde, vegetação do mangue. Na segunda imagem, à direita, um barracão sob o qual estão uma mesa e uma cadeira. Do telhado pendem redes de pescaria. Ao fundo, as dunas da Ilha dos Lençóis [Fim da descrição].

A começar pela posição ocupada numa família, quanto a rei Sebastião, há mudanças no que se refere à sua biografia histórica e à que foi criada no campo da encantaria. Na família real – e aqui, *real* pode ser compreendido tanto do ponto de vista do que caracteriza a realeza, como daquilo que fala sobre o que é factual em uma dada realidade –, rei Sebastião é filho, gestado do encontro entre dom Manoel e dona Joana de Áustria, e do qual não houve ascendência. Na família da encantaria, a marca atribuída ao monarca não é a de filho, mas de pai de princesas turcas, como Jarina, que tem suas aparições em forma de cobra, e pai dos ilhéus.

A recepção da narrativa sebastianista pela comunidade da Ilha dos Lençóis não é um consenso e não se faz sem conflitos, uma vez que a própria constituição do mito pode ser compreendida como tentativa de solucionar uma contradição: um rei português desaparece numa batalha ao norte da África e ressurge, do outro lado do mar, quase ao norte da América do Sul. As aparições de dom Sebastião na ilha se explicariam dadas as semelhanças da geografia do local, quase todo feito de dunas, quando comparado ao areal onde o rei teria desaparecido.

Diante da notícia de possível morte de rei Sebastião, há, entre os ilhéus, uma narrativa outra. Numa das passagens de *O Touro* (2014), longa dirigido por Larissa Figueiredo, há um diálogo entre um ilhéu e a atriz portuguesa Joana de Verona, que conta sobre a batalha no Marrocos, seguida de morte e desaparecimento de dom Sebastião. O ilhéu pergunta: “Foi morto lá?”, ela confirma, e completa: “Em uma guerra. Sim.” Ao que ele rebate: “Porque a história daqui da praia que contam é que ele não foi morto, não.” O ilhéu fala então sobre rei Sebastião ter se encantado e sobre suas aparições se darem semelhante ao humano ou transformado num touro encantado.

O Encantado é também um epíteto de dom Sebastião. De acordo com Luiz Antonio Simas (2018), no livro *Almanaque brasilidades: um inventário do Brasil popular*, o termo faz referência não a um espírito desencarnado, mas ao de alguém que não chegou a morrer, porque sofreu antes a experiência do encantamento. Frente ao binômio vida e morte, a encantaria, na sua posição “entre”, possibilita, então, a formação de novos pares de opostos. Nessa perspectiva, o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto; e o contrário da morte não é a vida, mas o encantamento.

A encantaria é, portanto, entendida como forma de manifestação espiritual e religiosa, e do ponto de vista do território, todo espaço criado na dimensão do encantamento do ser no

mundo pode ser entendido como terreiro, lugar de produção de novos modos de vida e de redes de sociabilidade. Se, aos moldes portugueses, o sebastianismo enquanto narrativa nasce sob a ótica colonizadora e é fundado por matrizes judaicas e cristãs, ao ser traduzido pelos ilhéus, ele se manifesta de modo distinto: como política de libertação e como religião de base afro-brasileira.

No ensaio intitulado *Encantaria maranhense de Dom Sebastião*, Sérgio Figueiredo Ferretti (2013) aponta que o sebastianismo no Maranhão pode ser estudado como um caso de hibridismo cultural ou de sincretismo religioso, a partir do encontro de elementos da cultura portuguesa com tradições religiosas e culturais de origens ameríndias e afro-brasileiras. No sebastianismo de encantaria, para o autor, o modo como os ilhéus se relacionam com a narrativa sobre rei Sebastião não diz respeito à crença em um messias ou em uma figura salvadora, mas a uma realidade viva, que se relaciona com a paisagem e se atualiza nos diferentes ritos.

A presença de Dom Sebastião na encantaria maranhense mostra a força de mitos de origens, como do sincretismo entre entidades africanas, caboclas, européias e do catolicismo popular e entre este e as religiões afro-brasileiras, bem como a influência do meio ambiente na elaboração de crenças que estão muito enraizadas na mentalidade popular. A figura mítica de Dom Sebastião, transformado num touro encantado que aparece na ilha dos Lençóis e é recebido em transe, reforça a junção entre a crença messiânica na volta esperada do Rei, o folgado do bumba-meu-boi e os rituais de cura e de tambor de mina das religiões afro-maranhenses (FERRETTI, 2013, p. 279).

Como religião, o sebastianismo se manifesta na Ilha dos Lençóis por meio do Tambor de Mina, atividade marcada pela história de resistência do povo negro e pelo sincretismo. Surgida em São Luís, de acordo com Mundicarmo Ferretti (1997), no artigo *Tambor de Mina e Umbanda: o culto aos caboclos no Maranhão*, sua prática é voltada ao culto de orixás e voduns – entidades da encantaria africana –, caboclos – entidades surgidas nos terreiros brasileiros – e gentis – encantados da nobreza europeia, geralmente cristã, como é o caso de rei Sebastião, que por sua vez é associado ao orixá Xapanã, e a São Sebastião, um dos mais populares na tradição católica (FIG 3).



FIGURA 3 – Dom Sebastião, Orixá Xapanã e São Sebastião.¹⁰

FONTE – Reprodução.

Segundo a autora, o dia 20 de janeiro (FIG 4), dia do santo que deu nome ao rei português, consta no calendário do Tambor de Mina entre as datas nas quais quase todos os terreiros fazem os chamados toques. Conforme descreve, o ritual consiste em uma sequência de cantos e danças, ofertas às entidades espirituais e transes, que se dão de modo discreto, às vezes apenas perceptível pela indumentária ou por meio das voltas dadas ao redor de si mesmo no sentido contrário ao dos ponteiros de um relógio. As festas de *voduns* e encantados costumam ser também animadas por brincadeiras populares.

¹⁰ [Descrição da imagem] Montagem com três imagens dispostas lado a lado. A primeira é o *Retrato de Rei D. Sebastião*, produzido por Cristóvão de Moraes. Diante de um fundo preto, há um jovem rapaz de pele branca, cabelo loiro e corte curto. Ele veste roupas da cavalaria real, de tons prata e cobre. Sua mão direita está posicionada na cintura e é farejada por um cachorro de focinho branco, orelhas pretas e coleira marrom. A mão esquerda segura o cabo de uma espada guardada na bainha disposta lateralmente. Seus olhos encaram o expectador. A segunda imagem é uma reprodução do Orixá Xapanã. Diante de um fundo amarelo escuro, há um homem de pele negra. Ele veste uma espécie de saia marrom enfeitada com búzios. Na mão direita, ele empunha um objeto com cabo, topo levemente esférico e ponta com fios de palha. Na mão esquerda, ele segura um objeto de formato triangular, também feito de palha e enfeitado com búzios. Do topo da sua cabeça pende um ornamento feito de palha que cobre todo seu rosto e partes do corpo. Não é possível ver os seus olhos. No canto superior direito, um sol irradia iluminando tudo de amarelo. A terceira imagem é uma reprodução de São Sebastião. Diante de um fundo que apresenta ao longe um campo verde, uma cidade e o céu azul, há um homem amarrado com cordas ao tronco de uma árvore. O homem é jovem, de pele branca, cabelos castanhos e corte médio. A parte superior do seu corpo está despida e crivada por duas flechas. Um tecido vermelho está envolto em sua cintura e lhe cobre parte das pernas. Sua coxa direita também está crivada por uma flecha. Dos ferimentos escorre sangue. Suas mãos estão amarradas atrás do corpo. Atrás de sua cabeça há um círculo amarelo. Seu semblante é sereno. Seus olhos apontam para algo fora da imagem [Fim da descrição].



FIGURA 4 – À esquerda: Mastro para São Sebastião. À direita: Fogo encoberto na Ilha dos Lençóis.¹¹

FONTE: Autora.

No contexto maranhense, dentre as brincadeiras populares destaca-se o Bumba Meu Boi, uma tradição que se mantém no estado desde o século XVIII. A depender da região, a manifestação pode se apresentar em cinco diferentes sotaques¹²: de orquestra, de matraca, da Baixada, de zabumba e de costa de mão. Especificamente ao sotaque de costa de mão atribui-se origem à região de Cururupu, município ao qual está vinculada a Ilha dos Lençóis. A designação desse sotaque se dá devido ao modo como são tocados os pandeirões, forma rara, considerada antiga, possivelmente derivada da região da Mesopotâmia e do Egito Antigo¹³.

Em *Festas populares no Brasil*, Lélia Gonzalez (2024), ativista e intelectual negra, afirma que o Bumba Meu Boi foi trazido por pessoas negras escravizadas procedentes da Bahia,

11 [Descrição das imagens] Na primeira imagem, à esquerda, um mastro erguido aponta para o céu azul escuro cortado por bandeirinhas nas cores verde e vermelho. O mastro está enfeitado com garrafas de suco e de refrigerante, pacotes de cuscuz, biscoitos recheados. Na segunda imagem, à direita, uma mulher de lenço branco na cabeça coloca pedaços de madeira numa espécie de fogueira encoberta por palha. Ao fundo, dunas de areia branca da Ilha dos Lençóis [Fim da descrição.]

12 Os cinco diferentes sotaques do Bumba Meu Boi do Maranhão podem ser ouvidos neste curto vídeo disponível em <https://youtu.be/boOTnbqYIX4>

13 O sotaque de costa de mão, presente no Bumba Meu Boi maranhense pode ser ouvido neste curto vídeo disponível em <https://youtu.be/NfJlQtya1Hw>

no decorrer do ciclo do gado. A autora também fala da universalidade do tema da representação do boi mítico, com sua morte e ressurreição, presente em diferentes culturas e manifestações relativas à fertilidade. Em termos históricos, ela aponta como referência mais antiga a do boi Ápis, principal divindade do panteão no Egito Antigo, e faz menção às tourinhas portuguesas, onde também se encontra o boi artificialmente produzido, como os das festas brasileiras.

Mas o essencial é que os procedimentos dinâmicos da reinterpretação cultural adaptaram o folguedo ao universo simbólico do povo brasileiro, recriando-o a partir de seus diversos componentes culturais. É nesse sentido que podemos afirmar ser o bumba meu boi um auto popular afro-luso-americano com presença manifesta na extensão territorial do país e, em consequência, na diversidade de termos que o designam [...] (GONZÁLEZ, 2024, p. 78).

Essa referência ao touro Ápis, divindade egípcia, também nos oferece pistas do processo de tradução feito pela cultura popular maranhense e, em especial, pelos ilhéus. Ápis, que era considerado a encarnação de divindades como Ptah – criador do cosmos – e Osíris – deus do submundo e da morte –, é um touro representado com um disco solar na cabeça e, entre seus chifres, uma serpente, representação da deusa Uraeus. Como vimos, na perspectiva da encantaria, rei Sebastião é pai de princesa Janira, entidade que, no relato dos ilhéus, costuma aparecer em sonhos e visões na forma de uma serpente.

Por meio da tradição do Bumba Meu Boi rei Sebastião é contado: na forma como cantam, como em “Maranhão, meu tesouro, meu torrão / Fiz essa toada pra ti, Maranhão / [...] Na praia dos Lençóis tem um touro encantado / E o reinado do rei Sebastião”¹⁴; no modo como enfeitam o boizinho, com uma estrela brilhante na testa ou com bordados em referência a Sebastião, seja santo ou seja rei; e na forma como contam a lenda, mencionando que à meia noite de 24 de junho, dia de São João, o touro negro que é visto na praia da Ilha dos Lençóis é rei dom Sebastião encantado. Conforme destaca Sérgio Ferretti:

O boizinho de Dom Sebastião é encontrado em muitas manifestações culturais maranhenses e pode ser estudado sob diferentes pontos de vista. Podemos analisá-lo sob a perspectiva da circularidade de culturas, do hibridismo, do sincretismo, do transculturalismo ou de empréstimos culturais, no contexto do sebastianismo nos cultos de possessão, da antropologia da performance e de acordo [com] outras visões, que destacam o interesse desse ritual afro religioso, que ilustra a complexidade dos fenômenos da cultura popular (FERRETTI, 2013, p. 277).

14 O trecho faz referência à toada do Bumba meu Boi de Maracanã, intitulada “Maranhão, meu tesouro, meu torrão”, que pode ser ouvida neste vídeo disponível em <https://youtu.be/eGna25C6V3c>

Como o Bumba Meu Boi, a festa, questão existencial, pode ser compreendida como atividade ritual que possibilita a organização social do tempo e a reorganização dos mundos. Ela marca um tempo rítmico, pendular, formas temporais que coexistem, assim como coexistem o sagrado e o profano e a passagem de um a outro conforme uma festa se inicia, tem curso e termina. A festa possibilita a interrupção do sagrado, para que ele possa ser dividido, sem, contudo, ser abolido. Ela é um modelo reduzido da sociedade, e não é simples reprodução ou inversão do sentido, mas aquilo que dá sentido ao que escapa ao sentido (ENCICLOPÉDIA ENAUDI, 1994, verbete “festa”).

Como narrativa, o sebastianismo parece ter encontrado, no Maranhão, elementos geográficos, étnicos e culturais que, ao passo que lhe possibilitaram continuar sendo contado, também o transformaram em mensagem nova. Nesse sentido, queremos partir da perspectiva que compreende o sebastianismo enquanto narrativa mítica e ideológica portuguesa, para compreendê-lo como texto cultural e, a partir da semiótica da cultura e da tradução intersemiótica, refletir sobre como se dá seu processo de tradução pela comunidade da Ilha dos Lençóis.

4. Traduzir um mito

Quando nos referimos ao termo mito, partimos do entendimento de Mircea Eliade (1972), que o entende como narrativa fundante, original, cíclica que discorre sobre a gênese de um cosmos – que pode ser o próprio universo, mas também um comportamento, um rio, uma árvore ou um pássaro, a partir da ação de seres sobrenaturais. Em *Mito e realidade*, o autor distancia o termo das ideias de fábula ou ilusão, para reivindicar a importância do mito como “vivo”, uma vez que ele oferece modelos de conduta e confere valor e significação à existência. Para ele, o mito é história verdadeira e de caráter sagrado, exemplar e significativo, por isso sua preciosidade.

Em *The semiosphere and the problem of plot*, Lotman (1990) refere-se a dois tipos de tramas: as lineares e as circulares – sendo estas predominantes nas culturas ditas arcaicas e nas narrativas míticas. Segundo ele os textos criados de acordo com as leis do tempo cíclico são dificilmente compreensíveis ou descritíveis em categorias lineares:

A primeira coisa que chama a atenção neles é a ausência das categorias de começo e fim: o texto é pensado como um sistema constantemente repetido e sincronizado com

os processos cíclicos da natureza: com a alternância das estações do ano, do dia e da noite, com os ciclos das estrelas (LOTMAN, 1990, p. 151, tradução nossa).¹⁵

Nos mitos, a vida humana não é pensada como um desenrolar evolutivo que vai do nascimento à morte do sujeito, mas como uma repetição interminável. Esse tipo de narrativa, diz Lotman, pode começar de qualquer ponto e esse ponto pode servir de começo para outra narrativa que é, por sua vez, uma manifestação parcial de um texto que não tem começo nem fim. Para ele, o texto mitológico tem excepcional capacidade de transformação. Sua função primordial é criar uma imagem do mundo para estabelecer correlações entre esferas distantes. Deste modo, as narrativas míticas oferecem, às pessoas que lhe ouvem, oportunidades de constituir paralelos, de produzir suposições sobre semelhanças ou identidades.

Ao falar de dom Sebastião como mito andarilho, Godoy (2009) afirma que, como texto da cultura, o rei integra uma rede de transmissão e recepção que permite sua viagem pelo tempo-espço. Na perspectiva de um “eterno” retorno do rei, personagem messiânica e encantada, o autor fala da existência de um movimento, da transformação de algo “que é recriado e retorna como o mesmo, mas diferente, já que é retirado em outra performance, partindo de um outro transmissor que já foi receptor da narrativa por ele transformada e recontada”, e acrescenta:

As modificações do texto a ser transmitido se darão com acréscimos do repertório do enunciado, com interesses específicos dele em transmitir e discutir suas reelaborações da narrativa, no pacto estabelecido entre ele e destinatários (receptores), na busca de compactuar e compartilhar o mesmo repertório, tentando causar interesse para que se efetive a comunicação (GODOY, 2009, p. 29).

Essa percepção das práticas culturais humanas como texto é central à semiótica da cultura, campo interdisciplinar que busca compreender os sistemas de significação. Surgida no contexto pós-Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, a abordagem originada pelo trabalho de pensadores como Lotman foi influenciada pelo formalismo russo, pelo estruturalismo europeu e pela tradição da escola de Tartu-Moscou. Esta, por sua vez, nasceu do diálogo, não sem conflitos, entre as experiências de dois centros culturais – Moscou e sua tendência linguística, e Tartu, orientada para a análise de texto –, se firmando assim como espaço de refúgio de intelectuais ao controle do poder oficial e possibilitando a realização de encontros presenciais de seus integrantes, oriundos das mais diversas áreas, como a literatura, o cinema, a mitologia, entre outras.

¹⁵ No original: “The first thing that is striking about them is the absence of the categories of beginning and end: the text is thought of as a constantly repeated system synchronized with the cyclical processes of nature: with the alternation of the seasons of the year, of day and night, with the cycles of the stars”.

Um conceito central à semiótica da cultura e ao pensamento lotmaniano é o conceito de tradução, que aqui é pensado do ponto de vista dos sistemas dos signos e da cultura. Em *La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto*, Lotman (1996) apresentará a tradução como parte essencial do processo de comunicação e da busca para que, no curso da decodificação de uma mensagem, algo assuma status de realidade. Para o autor, a tradução não se limita à transposição linguística, mas abrange a interpretação e a reconstrução de significados em diferentes contextos culturais. Assim, torna-se um elemento fundamental na compreensão da dinâmica de trocas entre culturas, possibilitando a circulação de ideias, valores e formas simbólicas.

Uma vez que pensamos a tradução do ponto de vista do sistema dos signos e da cultura, interessa pensar o conceito de semiosfera, também proposto por Lotman (1996). Assim como a biosfera compreende a esfera da vida no planeta, a semiosfera designa o espaço cultural habitado pelos signos e fora do qual os processos de comunicação não seriam possíveis. Ela é entendida como organismo vivo, como unidade que contém o diverso, o móvel, o interativo e o dialógico dos sistemas dos signos e da cultura. Tal como uma célula, a semiosfera é também possuidora de um núcleo, que tende ao enrijecimento cultural, e uma periferia, mais suscetível às trocas.

Na semiosfera, a relação entre centro e periferia é marcada por interações que não acontecem sem tensões, e é, sobretudo, nessas tensões que ocorrem as trocas necessárias à criação de novos sentidos e à renovação das culturas. Trata-se, portanto, de um conceito que nomeia e define a dinâmica de encontros entre culturas distintas. E a cultura, por sua vez, do ponto de vista da semiosfera, é compreendida como organismo vivo, como processo, e não como produto. Desse modo, não há oposição entre cultura e natureza, porque entre as duas existe relação, uma e outra estão implicadas.

Se pensado sob a ótica do conceito de semiosfera, o sebastianismo pode ser compreendido como esse espaço de encontros e tensões para produção de sentidos. É possuidor de um núcleo cultural, rígido, nesse caso, Portugal, um centro que se impôs ao mundo como potência, força hegemônica irradiando em direção à periferia. Aqui, na condição de periferia, a semiose, processo de transformação de um signo em outro signo, ocorre de modo mais diverso, interativo e com formas menos definidas. Um homem, um híbrido e um touro geradores de outros modos não oficiais para sua transmissão.

O rei, que antes se empunha pela força do catolicismo, da tradição erudita expressa na poesia, pintura e escultura, da imposição feita por armas e decretos, agora se apresenta à outra maneira. O modo como os ilhéus se deparam com a colonialidade não é subalterna. Eles a ela resistem e a enfrentam, reinventando o rei na festa: transformam-no em touro, em verso, em dança. Rei Sebastião já não é mais o rei que jaz, frio e distante, no Mosteiro dos Jerônimos, cultuado pela tradição católica, mas um rei à serviço do corpo dos ilhéus, braços, pernas, ventres dos que dançam, entoam e tocam tambores.

No curso das reflexões sobre a semiosfera, podemos pensar a Ilha dos Lençóis não só como espaço geográfico, mas também como espaço semiótico, locus de encontro entre signos e culturas distintas, espaço de produção de mensagens novas. Por isso também a importância da noção de fronteira, aqui entendida enquanto mecanismo bilíngue que traduz as mensagens externas para a linguagem interna da semiosfera, e o inverso. Na perspectiva lotmaniana, as fronteiras são espaços habitados por sujeitos que, na tentativa de pôr em contato duas realidades, ou mesmo dois mundos distintos, elaboram signos e culturas.

Nessa condição de espaço fronteiro, podemos situar o Maranhão, que fica localizado entre a Região Amazônica e o Nordeste do País. Podemos situar também a comunidade da Ilha dos Lençóis, que resiste entre as dunas de areias e as marés que avançam sobre as pequenas casas. No livro *O patrimônio da ilha encantada do Rei Sebastião: a Ilha dos Lençóis no cenário do ecoturismo e das unidades de conservação*, Frazão Pereira (2002, p. 44) descreve: “A Ilha dos Lençóis está localizada num espaço anfíbio, ambíguo, liminar. Tal aspecto tem ligação direta com as representações sociais e simbologias que permeiam a construção do *modus vivendi* da população nativa.”

O intenso diálogo entre os elementos que habitam a periferia com aquilo que é alheio possibilita a contínua mudança de posição de uma fronteira. A contaminação mútua de um sistema com outras esferas implica num movimento em que uma unidade sónica tanto abarca o que é externo quanto expulsa algumas formas que se tornaram desgastadas ou foram reordenadas. A fronteira é, portanto, espaço habitado por sujeitos que a cultivam e que para pôr em contato duas realidades, elaboram signos, são narradores ou, no dizer de Lotman, são tradutores, filtros bilíngues ou filtros tradutores.

Se, por um lado, a condição fronteira da Ilha dos Lençóis possibilita que o sebastianismo seja interpretado e traduzido a outras maneiras, o espaço pode também ser pensado enquanto palco onde as disputas acontecem em torno dos diferentes modos de contar,

ou mesmo não contar. Parte dos ilhéus tem manifestado preocupação diante de tentativas de apagamento de suas narrativas e manifestações culturais relacionadas às encantarias, sobretudo devido aos conflitos existentes entre o Tambor de Mina e o advento de religiões de matrizes neopentecostais entre as pessoas moradoras do espaço. Conforme destaca Frazão Pereira:

Em conversas informais com alguns moradores locais, eles falaram-me que Lençóis não era mais a praia misteriosa do “tempo dos antigos”. No tempo dos seus avós era que “se via muita coisa”: touro negro, Rei Sebastião e seu cavalo branco, princesa Jarina – uma das filhas do Rei Sebastião (em forma de cobra), animais “encantados”, etc. Os nativos falam que o “encante” era mais forte no “tempo dos antigos”, mas ainda hoje se encontram muitos elementos da Encantaria (FRAZÃO PEREIRA, 2022, p. 33).

Vivo, enquanto mito e manifestação cultural, o sebastianismo foi aqui pensado como texto, conforme proposto pela tradição lotmaniana, que compreende dessa forma tudo o que é gerador de diferentes sentidos. O texto da cultura, ao transitar de um contexto cultural a outro, não apenas transmite uma informação nele depositada de fora, mas atualiza aspectos anteriormente ocultos de seu sistema de codificação e, com isso, transforma mensagens. Nessa perspectiva, traduzir mantém vivo o mito, o atualiza, o ressignifica, faz dele mensagem nova.

5. Considerações

“O mito sempre diz algo sobre mim”
(Lotman)

O sebastianismo, ao lado das belezas naturais das dunas e lagoas, está entre os principais atrativos da Ilha dos Lençóis. Visões do rei andarilho, seja em forma de homem ou de touro, no entanto, têm sido menos frequentes. O que se conta na ilha é que, incomodado com o movimento de turistas, e com a diminuição da maior duna, ou morraria, rei Sebastião e sua cavalaria teriam se mudado para um lugar mais isolado, o Morro Três Irmãos, que também integra o arquipélago de Maiaú. Esse modo de contar, talvez, contra a ideia de apagamento, seja revelador de que uma narrativa mítica não se perde, mas se transforma.

O texto mítico ou mitológico não se refere a eventos excepcionais isolados, mas a eventos que estão fora das noções de tempo cronológico e que, repetidos indefinidamente, tornam-se imutáveis. A morte de um deus e sua ressurreição – e aqui podemos pensar no caso de dom Sebastião, que não se trata exatamente de uma divindade, mas cujas narrativas criadas a partir de sua figura têm marcas de excepcionalidade, de sacralidade – são parte desse ciclo

que se repete. A regularidade dessa repetição não a torna uma ocorrência anômala ou acidental, mas um acontecimento que pode ser permanentemente atualizado a cada ritualização, manifestação na cultura.

A cultura, do ponto de vista da semiosfera lotmaniana, é compreendida como organismo vivo, como processo, e não como produto. O sebastianismo, sendo texto da cultura, transita de um contexto para outro e, nesse trânsito, tanto se modifica como serve também de matéria para produção de cultura nova, como a lenda do Touro Encantado. Na tentativa de compreender como se dá a tradução desse texto cultural pela comunidade da Ilha dos Lençóis, é possível perceber pistas desse processo quando se observa sua religiosidade, por meio do Tambor de Mina, e sua brincadeira, por meio do Bumba Meu Boi.

Na Ilha dos Lençóis, a história de rei Sebastião não está relacionada a um passado, que fala sobre sua morte na batalha ao norte da África, nos idos 1578, tampouco sobre um futuro que aponta para um retorno, esperança de salvação. Naquele espaço, que é geográfico e existencial, rei Sebastião é contemporâneo dos ilhéus, faz parte do tempo presente, dos diálogos sobre sua vida cotidiana, porque se manifesta em sonhos e caminha. Em uma comunidade que se organiza e faz, ela mesma, seus próprios enfrentamentos, não há espera por um salvador. Reinventado pelos ilhéus, rei Sebastião conjuga tradições não presentes na versão historicamente contada, desafiando, assim, a própria colonialidade.

Atravessados séculos, a presença de dom Sebastião, rei português, em terras maranhenses, talvez seja uma contradição que se tenta resolver por meio desse exercício tão vivo que é traduzir. Na condição de tradutores, os ilhéus contam sua lenda, brincam com seu boizinho (FIG 5), fazem fé com seus tambores, produzem visões e sonhos. Ao traduzirem uma tradição, um mito, os ilhéus se vinculam, narram a si mesmos, produzem textos de cultura que falam sobre sua história e a história de resistência de sua comunidade, resistência esta que se dá de forma transformadora, fabular, maravilhosa, encantada.



FIGURA 5 – Seu Maneco e o boizinho da Ilha dos Lençóis.¹⁶

FONTE – Reprodução. Foto – Madian Frazão Pereira.

16 [Descrição da imagem] Na foto, um homem de pele negra, vestido com uma camisa azul claro, segura nas mãos um boizinho de São João. O boizinho é preto, com focinho branco e tem uma estrela dourada na testa. O dorso do boizinho é enfeitado com miçangas coloridas, que formam detalhes variados e dão destaque ao rosto de um homem de pele branca, com barba cinza escuro, referência à rei Sebastião. Ao lado do rosto, há a figura de um pequeno castelo de parede amarela, porta e janelas verdes e telhado vermelho. O saiote do boizinho é feito de tecido de chita, com flores nas cores laranja, verde e rosa. O homem e o boizinho que ele segura estão dentro de um barracão. Uma das paredes é de madeira pintada na cor branca, onde estão pendurados três quadros. A outra parede é feita de palha. Do teto pendem bandeirinhas vermelhas e verdes [Fim da descrição].

Referências

- AIUPA Brasil Produções. **A Lenda do Rei Sebastião** – curta 1979 [vídeo]. YouTube, YouTube, 4 dez. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/KI4QtGueIS8>. Acesso em: 27 jan. 2026.
- BELO, A. **Morte e ficção do rei dom Sebastião**. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2023.
- BRAGA, P. **O Touro Encantando da Ilha de Lençóis: o sebastianismo no Maranhão**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. [Título original] Myth and Reality. Tradução: Pola Civelli. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1972.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Festa. In: **ENCICLOPÉDIA EINAUDI**. Religião–rito. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1994. v. 30.
- FERRETTI, M. **Tambor de Mina e Umbanda: o culto aos caboclos no Maranhão**. *Jornal do CEUCAB-RS: O Triângulo Sagrado*, Ano III, n. 39 (1996), 40 e 41 (1997). <https://repositorio.ufma.br/jspui/handle/1/205>
- FERRETTI, S. F. **Encantaria Maranhense de Dom Sebastião**. *Revista Lusófona de Estudos Culturais | Lusophone Journal of Cultural Studies* Vol. 1, n.1, pp. 262-285, 2013. <https://doi.org/10.21814/rlec.19>
- FRAZÃO PEREIRA, M. J. **O patrimônio da ilha encantada do Rei Sebastião: a Ilha dos Lençóis no cenário do ecoturismo e das unidades de conservação**. Teresina: Cancioneiro, 2022.
- GODOY, M. H. **O Desejado e o Encoberto: potências de movimento de um mito andarilho**. *Revista USP*, São Paulo, n.82, p. 16-31, junho/agosto 2009. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i82p16-31>
- GONZALEZ, L. **Festas populares no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2024.
- GOVERNO DO MARANHÃO (GovernoMA). **Sotaques do bumba meu boi do Maranhão** [vídeo]. YouTube, 15 jun. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/boOTnbqYIX4>. Acesso em: 27 jan. 2026.
- GOVERNO DO MARANHÃO (GovernoMA). **Sotaques do bumba meu boi – Costa de Mão** [vídeo]. YouTube, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/NfJlQtya1Hw>. Acesso em: 27 jan. 2026.
- Lotman, I. (1996). *La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto*. Selección y traducción del ruso por Desiderio Navarro. Ediciones Cátedra, S. A.
- LOTMAN, I. **Universe of the mind: a semiotic theory of culture**. Tradução de Ann Shukman. Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- O TOURO. Direção: Larissa Figueiredo. Produção: Cazumbá Filmes. Brasil: 2014/2015. 1 longa-metragem (ca. 75 min).
- REGO, J. L. **Pedra Bonita**. Apresentação Adriana Negreiros. – 16. ed. – São Paulo: Global Editora, 2022.
- SIMAS, L. A. **Almanaque brasilidades: um inventário do Brasil popular**. [ilustrador] Mateu Velasco. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.
- SOUSA, D. **Maranhão, meu tesouro, meu torrão** – Humberto Maracanã. 2012. Vídeo (YouTube). Disponível em: <https://youtu.be/eGna25C6V3c>. Acesso em: 27 jan. 2026.
- SUASSUNA, A. **Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta** / Ariano Suassuna; Carlos Newton Júnior; Rachel de Queiroz. – [16. ed.] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.